

própria experiência e colocar-se em análise. A artesanania de pensamento, o crochê da autoanálise, nada mais é do que sair da rotina (voltar a estranhar), interromper o ritmo (prestar atenção) e demorar em miudezas (um pormenor, uma delicadeza). Escrever dessas coisas pode ser “qualquer coisa”, faz-se uma etapa no interior de um processo dinâmico, pode ser a composição de uma linha ou cor para emprestar, pode ser a composição de um tecido para receber agulhas e linhas. Nesse volume estão tecidos, cores e linhas, sem formar nada de coeso, são in-formes intensivos a serem entretecidos, entrelaçados e entremeados. A partir de alguma laçada na linha, uma rede pode ser tramada, uma vez verificado o tecido, uma linha pode ser oferecida. Cada ponto pode ser continuamente tecido. Cada produção não esgota as linhas que lhe deram possibilidade. Cada linha pode ser amarrada em outra antes que finde, se a trama ainda não acabou. Um “caldo de cultura” é a proliferação de fios, e a trama de fios é a rede, a renda ou o tecido.

Ricardo Burg Ceccim

EDUCAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA, PESQUISA-FORMAÇÃO E ESTRATÉGIA DE PROSPECÇÃO DE MODELOS TECNOASSISTENCIAIS NA ATENÇÃO BÁSICA

*Ricardo Burg Ceccim
Juliano André Kreutz
Jaqueline Dinorá Paiva de Campos
Fernanda Steffen Culau*

A convocatória

Um projeto de prospecção, vizinho, porém diverso de um projeto de pesquisa científica, teve curso em busca de experimentações da/na atenção básica à saúde. Ainda que atendendo plenamente aos requisitos da investigação científica situada (MARCUS, 1995), propunha-se, no campo do desenvolvimento tecnológico e da extensão inovadora, uma ação pouco frequente na esfera das políticas públicas, parecendo uma ação mais própria à esfera industrial ou de empreendimentos, constituída para explorar determinado ramo de negócios e oferecer produtos, bens, serviços, programas, sistemas ou tecnologias ao mercado ou para

fins de desenvolvimento e sustentabilidade no mundo econômico, ecológico ou organizacional. A experiência de prospecção aqui referida à atenção à saúde tinha em vista recolher do “conhecimento em ato”, coordenado pelos operadores sociais das práticas, a potência de criação, a potência de escuta de necessidades em saúde, a potência de composição de coletivos em colaboração e formulação de fazeres (os “fazimentos” da prática). As “fontes” buscadas foram emergentes de uma rede de conversações sobre suas próprias redes de conversação. A ideia foi reunir, em conversa, parceiros que constituíssem redes de colaboração entre universidades ou institutos de pesquisa e desenvolvimento organizacional e de serviços de saúde e a rede sanitária, de alguma maneira já conectados ao Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde – EducaSaúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

O Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde se compõe como um grupo de estudos e pesquisa ligado aos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Suas atividades envolvem a intersecção dessas duas áreas do conhecimento, também reunidas pela consigna da Educação em Saúde Coletiva. Em particular, ocupa-se de temas relativos à formação de profissionais de saúde, desenvolvimento de trabalhadores e do trabalho no setor da saúde, metodologias de avaliação institucional formativa na área da saúde e desenhos tecnoassistenciais orientados pela integralidade e pelo protagonismo e autonomia dos usuários. As pesquisas empreendidas pelo EducaSaúde inserem-se em um horizonte ético-político de busca do fortalecimento do Sistema Único de Saúde e de mobilização por “círculos em rede”. Os conceitos de *círculos e rede* na pesquisa-ação crítico-colaborativa em saúde (CECCIM et al., 2013; 2014), de *escuta pedagógica*

(CECCIM, 2007) na construção de projetos de educação permanente em saúde e de *problema educossanitário* na identificação de temáticas ao estudo-ação, assim como a proposta da *imagem da mandala*¹ para as redes em saúde, configuram sua particular produção e têm sido objeto de formulação, discussão e consolidação de seu propósito de conhecimentos e práticas.

Os “círculos e rede” (círculos de cultura e círculos-dobradiça, rodas situadas e redes multissituadas, rodas de conversa e redes de conversação) abarcam uma construção metodológica relativa à investigação em saúde como pesquisa-formação e como “intercessão” educação-saúde relativa à qualidade da atenção e dos processos interativos no setor da saúde. Admitindo que toda a produção de conhecimento caminha para uma “forma do conhecimento”, seu regime de verdades e seu domínio de visibilidades e enunciados, reconhecemos e destacamos a persistência / insistência de um “fora” permanentemente interrogando, desacomodando, amassando a “forma” (um “fora da forma”). Tirando a prova do “formas fora”, o que a realidade nos indica? A concepção é de que a educação da saúde se integra ao trabalho em saúde, admitindo o lugar disruptor do pensamento, do pensar o fora, ou o lugar disruptor do corpo, das sensações informando os saberes. Interessa, sobretudo, escutar e dar corpo ao que é microgenético, heterogenético e de aposta nos entrelaçamentos que alimentam vida e criação.

¹ A mandala, ainda que finita, é uma ilimitada margem de dobras, inversões, reversões, apresentações. Na imagem da mandala a ausência do repetível, exceto a ressingularização permanente, por composição de diversos, por harmonização de prazeres, por potência de inventos. (CECCIM, 2007)

O relatório

Na realização da prospecção de “experimentações”, rodas de conversação local (círculos locorregionais), uma em cada uma das cinco regiões do mapa geopolítico nacional e rodas de conversação nacional enunciaram descritores ao “ver e ouvir”. Ao final de um ano dessas rodas de enunciados de ver e ouvir, sistematizaram-se rodas narrativas com operadores sociais de práticas situadas. A narrativa entra como fator de aprendizado, desencadeada pela “interpelação de pesquisa”: indagação por perguntas, interrogação pela introdução de estranhamentos; fazer perguntas, provocar questões, procurar por informações. Interpelar em pesquisa-formação é bisbilhotar, mas também demandar e esquadrihar saberes da prática que retornam como saberes da narrativa. Cecília Warschauer chama de *rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento*, tendo em vista inclusão e formação. Rodas e narrativas colocam “dois caminhos que se cruzam e se complementam no aprendizado de uma nova atitude, criativa, dinâmica e inclusiva, fundamentados em aprendizagens pela convivência, pelos confrontos e conflitos com os outros, com suas ideias e posturas.”²(WARSCHAUER, 2004) Na relação planejada de interação universidade – sociedade, a formulação de Selma Garrido Pimenta é de introdução determinante: pesquisa-ação crítico-colaborativa (PIMENTA, 2005), constituindo-se a ação situada, a implicação recíproca de atores-autores pensadores de si, seus fazeres e formulações, além da colaboração com perspectiva “inquiridora”, perscrutadora e capaz de apoio interinstitucional. Na proposta de Ceccim,

² O uso da noção de “convivência” vem um pouco distorcido da fonte bibliográfica indicada, uma vez que não há qualquer intenção de melhorar ou acentuar relações de convivência ou inclusividade local. A convivência comparece aqui apenas como rede de conversações. (TEIXEIRA, 2003)

as duas contribuições se unem com as noções de rede de conversações em Ricardo Teixeira (TEIXEIRA, 2003) e Círculo de Cultura e Temas de Dobradiça em Paulo Freire. (CECCIM et al., 2014) A rede de conversações torce bastante os termos da “convivência” e “inclusão” presentes na obra de Warschauer (2004) sobre rodas e narrativas, pois, mediante diversas outras conexões, aproveitadas em tópicos, provocações ou mesmo em torções no sentido original, Ceccim apresentou a noção de círculos e rede. (CECCIM et al., 2013; 2014) Desaparecem as fórmulas originais de Paulo Freire, restando os círculos e a dobradiça para apontar grupos situados por local, tema, interesse, seleção de foco ou outras possibilidades de interface intensiva, assim como entra a noção de dobradura, a inflexão nos sentidos, a introdução do “distúrbio de pensamento”, a traição de uma linha de aprofundamento para uma linha em ramificação.

A relatoria, então, não foi simples e nem poderia ser “higienizada”, deveria vir com a liberdade de sua emergência. Relatamos o esforço em reunir saúde e pesquisa sob a produção de conhecimento a partir da existência de diferentes realidades que dão vida à atenção básica ou ao Sistema Único de Saúde. A prospecção foi disposição à inovação. O novo não foi visto como o magistral, a pedra no caminho, o inesperado, o estranho. Qualquer pedra retém uma joia, vemos o novo como o lapidar da pedra bruta, operação de cortar, facetar, ressaltar a beleza ou o brilho.

O projeto prospecção entrou em contato com múltiplas experiências da atenção básica, decorrentes do encontro com interlocutores de cinco regiões do país, sistematizando uma rede de conversa colaborativa. Esta rede se estabeleceu pela concretização de uma parceria com o Departamento de Atenção Básica do Ministério da Saúde, por meio de um protocolo de desenvolvimento metodológico na Educação em Saúde Coletiva, que envolveu a Universidade do Estado

do Amazonas (UEA) e a Fundação Oswaldo Cruz no Estado do Amazonas (Fiocruz Manaus) na região Norte; Fundação Estatal Saúde da Família do Estado da Bahia (FESF-SUS) na região Nordeste; Universidade de Brasília (UnB) na região Centro-Oeste; Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade Federal Fluminense (UFF) na região Sudeste; e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na região Sul. Cada uma dessas instituições mobilizou sua rede localregional, inserindo secretarias municipais de saúde e conselho de secretarias municipais de saúde. Não havia a intenção de encontrar boas práticas modelares ou modelizáveis, mas práticas por distinção, por novidade, por indicativo de projeção de futuro ou futuros possíveis.

Evidenciando a multiplicidade de práticas possíveis e rastreando paradoxos, tensão e potência em práticas, era preciso mostrar pistas para itinerários assistenciais, para percursos pedagógicos locais, para o repensar permanente ou para o atualizar cotidiano da atenção básica. Objetivou-se inventar perguntas em ato para nossas equipes, nossas cidades, nossas geografias e nossas culturas, a fim de narrar políticas por relatores de campo (docentes, pesquisadores, equipes de saúde e usuários do cuidado em saúde). Todos do projeto compunham-se como parceiros de campo que aprendem, que fazem perguntas e inventam saberes coletivos, constituindo rodas de conversa localregionais ou “caldos de cultura”. Um bom alimento de conversa pode proliferar, contagiar e até mesmo contaminar outros “caldos de cultura” e os representantes de outras regiões do país. Falamos de uma rede colaborativa de “saberes educossanitários”.

A rede colaborativa educossanitária nacional, composta por “caldos de cultura” localregionais, substituiu a noção de “uma pergunta do pesquisador ou do grupo de

pesquisa” por “um problema educossanitário” (CECCIM et al., 2013), que é um problema de pensamento em que parceiros de campo buscam, além da produção de novos conhecimentos, a invenção coletiva de novos modos de pensar, decorrentes da livre circulação da palavra, de uma escuta sensível do que é narrado, não relacionando significado-significante e, portanto, dando passagem a tensões e paradoxos a partir dos encontros extensivos e intensivos de seus integrantes. Este coletivo acopla saberes formais, saberes da experiência localregional e produções e questões de si nos encontros, compondo o problema educossanitário. Assim, a noção de problema ou foco não preexiste à relação entre parceiros de pesquisa, este foco se constitui e se atualiza em ato decorrente dos modos de exposição ao outro pela articulação das redes de conversação. Evidencia-se que, se o foco se produz em ato, não existem “as respostas” para as questões da/na saúde, e sim resolutivas sempre provisórias de construção coletiva, em coletivos que habitam um determinado território e tempo.

Este modo de fazer campo desacomoda o modo como se faz ciência na modernidade, que se serve de uma pergunta de pesquisa que preexiste a relação com seu objeto e que dá vazão à binaridade pesquisador-objeto, na qual o campo é mero informante. Ao “enredarmos” cada uma das regiões, operamos uma cartografia, funcionando como rizoma. Conforme Deleuze e Guattari, “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. Com a cartografia, podíamos tomar os mapas locais para rasgá-los, revertê-los, adaptá-los a montagens de qualquer natureza. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.22) Cada região apresentava-se conforme seu próprio modo de organização, não havendo uma forma específica para tal participação.

Foram um total de dez reuniões nacionais que ocorreram em três estados: Rio Grande do Sul, Distrito Federal e Rio de Janeiro. Essas reuniões eram preparadas por todos os participantes. Ao final de cada uma, conforme havíamos conseguido avançar no trabalho, planejávamos ações locais e compartilhamentos. Esses encontros formavam coletivos, usávamos dispositivos para a circulação da palavra, formação de rodas de conversa, seleção de modos de expressão de experiências, que iam da encenação teatral de clichês do cotidiano, passando por relatos de experiências vivas, até a exposição explicativo-didática dos “caldos de cultura”. Da rede de conversações, uma rede de analisadores serviu à interrogação do trabalho em cada “caldo de cultura”. Os analisadores apareceram como “algo em comum”, repetiam-se, mesmo em regiões distantes territorialmente. Dentre eles podemos destacar: o carimbo; a burla; território adscrito *versus* o território relacional; a delegação *versus* a autogestão; o cuidado *versus* a regulação. Uma trama dos temas analisadores gerou dois eixos analisadores: apoio e formação, trabalho e território.

Na finalização temporal do trabalho, sua conclusão se deu em forma de livro com a seleção de dez textos, cinco para cada eixo. Os textos são relatos, contêm os analisadores, documentam as conversas, servem às memórias e ao compartilhamento, sem preocupação de consensos teóricos, convenções quadro ou termos de síntese, devendo seguir abertos e convidativos. Com os relatos, destacamos a relevância da narrativa não apenas como registro da prospecção, algo absolutamente necessário e pactuado, mas também como instrumento de pesquisa-formação, veículo de autoria que resulta e constitui favorecimento à formação de si, de coletivos e de instituições. As “narrativas de formação”³ propiciam espaço para a ressingularização,

³ Sobre as as narrativas de formação, ver Saldanha, Pereira, Ceccim et

ao mesmo tempo em que expressam singularidades e ativam novas singularizações. Para incluir o estranhamento, são necessárias novas experiências/experimentações, não os acontecimentos em si. Trata-se da imanência do vivo ou dos significados atribuídos ao vivido. Nossa própria história é parte da montagem das estratégias de mundo e de serviço ou de docência em que nos inserimos. Nossa narrativa não omite o que fizemos, o que enfrentamos, o que construímos, a que recorremos e que riscos corremos.

A articulação de ações no tempo e a introdução da roda de conversa, do círculo de cultura, dos círculos de dobradiça, das redes de conversação e da rede científica mostra um movimento favorável à formação em coletivos. Esses instrumentos explicitam o movimento do vivido e permitem desvelar desconfortos entre gestão e atenção, atenção e participação, participação e formação, formação e atenção, gestão e participação, formação e gestão. Em círculos e rede, encetamos condições que favorecem a formação, uns que relatam de si, outros que problematizam esse relato, uns que reivindicam a força do relato, outros que ensejam seu despregamento e sua ramificação.

A prospecção deve ser reconhecida como abertura para novos possíveis aprendizados com o experimentado e com as redes de conversação. A formação é tanto um processo que pertence àquele que se forma quanto uma tarefa docente e dos formuladores de políticas. Precisamos ampliar nosso espectro de compreensão e ação, deixando de fora nosso desejo de simplificar, de buscar modelos e de tudo incluir em programas, protocolos e diretrizes. A vida (o vivo) resiste a modelos (inauguram e consolidam classificações, rótulos e exclusões), preservando o pleno exercício da cidadania e facilitando o contato de cada serviço com sua singularidade e a autoria de sua equipe na montagem de coletivos e da instituição de saúdes.

al. (2014).

Referências

CECCIM, R.B. “Um sentido muito próximo ao que propõe a educação permanente em saúde”!: o devir da educação e a escuta pedagógica da saúde. **Interface - comunicação, saúde, educação**, Botucatu, v. 11, n. 22, p.358-361, ago. 2007.

CECCIM, R.B. et al. A proposta de pesquisa-intervenção em saúde: construção do método de círculos em redes. **Revista eletrônica de comunicação, informação & inovação em saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, dez. 2013.

_____. Círculos em redes: da construção metodológica à investigação em saúde como pesquisa-formação. **Fórum sociológico [on-line]**, n. 24, 2014. Disponível em <<http://sociologico.revues.org/11111>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs. **capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v.1.

MARCUS, G.E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual review of anthropology**, v. 24 p.95-117, 1995.

PIMENTA, S.G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p.521-539, 2005.

SALDANHA, O.M.F.L.; PEREIRA, A.L.B; CECCIM, R.B. et al. Clínica-escola: apoio institucional inovador às práticas de gestão e atenção na saúde como parte da integração ensino-serviço. **Interface - comunicação, saúde, educação**, Botucatu, v. 18, supl. 1, p.1053-1062, 2014.

TEIXEIRA, R.R. O acolhimento num serviço de saúde entendido como uma rede de conversações. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (Orgs.). **Construção da integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde**. Rio de Janeiro: IMS-UERJ/Abrasco, 2003. p.89-111.

WARSCHAUER, C. Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. In: SCOZ, B. (Org.). **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna**. Petrópolis: Vozes, 2004. p.13-23.